

## **Não tema! O medo separa as pessoas**

Olga Tokarczuk

Tradução e introdução de Piotr Kilanowski<sup>1</sup>  
Universidade Federal do Paraná

*Olga Tokarczuk, laureada há pouco com o prêmio Nobel da literatura, escreveu esse texto para o mais importante diário polonês, Gazeta Wyborcza, quando o jornal resolveu, no dia 23 de abril de 2016, publicar uma edição especial cujo conteúdo seria preparado somente pelos escritores poloneses. Apesar dos dois anos e pouco que tenham-se passado desde então e o texto ser escrito em condições geopolíticas diferentes, surpreende pela sua atualidade e universalidade. Embora Olga Tokarczuk ainda seja pouco conhecida por aqui, seu texto revela-nos uma escritora que com coragem e clareza faz um diagnóstico preciso das condições do mundo ao nosso redor. E uma mensagem alentadora e sábia como essa é uma excelente maneira de conhecê-la e já ir gostando.*

Este ano já poderia ser declarado O Ano do Medo. Tememos uma catástrofe global, uma guerra mundial, os atentados terroristas, o fascismo que está renascendo, o governo totalitário, os desastres naturais, a crise financeira. O temor tem a natureza de uma epidemia. Alimenta-se de tudo que encontra pelo caminho e procura confirmar-se em qualquer acontecimento. Suscetível a boato, multiplica-se abarcando, na sequência, novos territórios das nossas vidas.

Ao temer nos fechamos em nós, voltamos aos padrões de comportamento que já se provaram eficientes. Viramos as costas para aquilo que é novo, pois o velho nos promete uma relativa sensação de segurança. Não tecemos planos, preocupados com o hoje. Respiramos raso, não conseguimos inflar o peito ao respirar. Olhamos nas proximidades, diante dos nossos pés.

O medo afasta as pessoas de si, obriga as a desconfiarem e suspeitarem. Divide as pessoas entre "os nossos" e "os estranhos" e se deixa envolver em jogo por vários "ismos". Por isso, as sociedades que temem tornam-se uma presa fácil para os

---

<sup>1</sup> Professor de literatura polonesa na Universidade Federal do Paraná (UFPR) e tradutor. E-mail: emaildopiotr@gmail.com.

comandantes fanáticos, os ditadores estapafúrdios, os manipuladores populistas que jogam as pessoas umas contra as outras, criando uma espiral do ódio. Ao medo devemos contrapor aquilo que nos faz seres essencialmente humanos. E isso não quer dizer uma coragem intrépida ou uma enorme inteligência, nem tampouco uma criatividade espantosa, mas a simples capacidade de se compadecer, a profunda solidariedade com um outro ser humano, que se origina do fato que podemos reconhecer a nós mesmos no outro e ele em nós.

Um dos melhores caminhos para a compaixão é a literatura. Essa sofisticada e muito sutil forma de comunicação interpessoal é, na minha opinião, a mais perfeita. Uma maravilhosa invenção do ser humano, que lhe permite deixar de ser ele mesmo, ao menos por um momento, e partir em uma grande jornada para um outro continente, para o "eu" de um outro ser humano.

Olhar para o mundo com seus olhos, hospedar-se no mundo alheio e para o tempo de leitura, transformar-se em cavaleiro errante com um defeito de visão ou um príncipe hipersensível que medita sobre o enigma da morte, a esposa entediada de um doutor provinciano ou um mercador apaixonado que passeia pelo bairro sujo e pobre de Varsóvia. Pode se discutir durante o banquete sobre as variadas formas do amor e ficar assombrado pela crueldade do abril.

Graças à literatura conseguimos criar uma grande comunidade de histórias, nas quais cada um poderá reconhecer a si mesmo num outro ser humano. E isso independentemente da língua, cultura, credo ou nacionalidade. Por isso, há na literatura uma esperança para nós – aqueles que dela participam existem, de certa maneira, de forma múltipla, veem mais e de modo mais amplo. Entendem melhor que o mundo não poderá caber em uma fórmula, nem ser definido por apenas um diagnóstico, assim como não se pode prescrever-lhe apenas um remédio universal. Pois o mundo consiste de uma multiplicidade de pontos de vista que devem ser pacientemente conciliados.

Não se iludam. O jornal redigido pelos escritores e pelas escritoras não trará melhores notícias que de costume, assim como seus livros dificilmente mudarão o mundo. A literatura deve apenas incessantemente lembrar que as pessoas são mais próximas uma das outras e mais semelhantes entre si do que gostariam de reconhecer alguns arautos do medo.

Enquanto escrevemos e lemos, estamos juntos.